

A buen entendedor, pocas palabras
bastan: histórico cultural e interfaces
linguísticas de expressões idiomáticas e
provérbios do espanhol para o português.

A Word to the Wise is Sufficient: Cultural Background and Linguistic Interfaces of Idioms and Proverbs from Spanish to Portuguese.

Márcia Marques Marinho Castro*

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo principal apresentar um estudo sobre expressões idiomáticas e provérbios na língua espanhola, com especial ênfase nas origens e no percurso cultural das expressões idiomáticas. Além disto, são analisadas algumas das possíveis dificuldades apresentadas pelas unidades fraseológicas ou textuais em questão no processo de tradução para o português (ao longo de tal análise, são apresentadas as formas equivalentes consagradas na língua portuguesa, utilizadas pelos falantes e adotadas pelos tradutores). Para tanto, examinamos o histórico e a importância dos provérbios e expressões populares - fórmulas fixas consagradas - sob a perspectiva da paremiologia, da fraseologia e da etimologia, com ênfase nas implicações decorrentes de seu uso e nas formas convergentes ou correspondentes no português do Brasil.

Palavras-chave: Provérbios; expressões idiomáticas; origens; tradução.

Abstract: The following article aims at studying idioms and proverbs in Spanish, focusing on the origins and on the cultural background of idioms in special. In addition,

* Pós-graduada em Tradução de Língua Italiana pela UERJ e de Língua Espanhola pela UGF. E-mail: castroy3m@msn.com

ALVES, M. V. - A buen entendedor, pocas palabras bastan: histórico cultural e interfaces linguísticas de expressões idiomáticas e provérbios do espanhol para o português.

the paper provides an assessment of some of the difficulties concerning these textual/phraseological units when translated into Portuguese (throughout this analysis, the corresponding forms in the Portuguese language - the ones used by speakers and adopted by translators - are introduced). To do so, we examine the background and relevance of proverbs and idioms - established formulae - under the perspective of paremiology, phraseology and etymology, with emphasis on usage outcomes and on the converging/corresponding forms in Brazilian Portuguese.

Keywords: Proverbs; idioms; origins; translation.

Introdução

Para evidenciar a natureza dos objetos deste estudo - os provérbios e as expressões idiomáticas -, é necessário, em primeiro lugar, que se estabeleçam suas características principais, suas peculiaridades e seus pontos de dissonância em relação a outras unidades fraseológicas de significação.

As expressões idiomáticas, de maneira geral, são estruturas compostas por combinações estáveis de palavras perpetuadas pelo uso; seu grau reduzido ou nulo de variabilidade evidencia sua significação (literal ou, na maioria das vezes, figurada) em conjunto, o que reduz o poder de intervenção dos falantes, restrito à incorporação ou exclusão de tais instrumentos em sua produção linguística.

As expressões idiomáticas (*idiomatismos* ou *modismos*, em espanhol; *idioms*, em inglês) não constituem enunciados completos e não são instrumentos de aconselhamento ou admoestação alicerçados nas experiências partilhadas pelos membros de determinada comunidade sociocultural e/ou linguística.

Os provérbios, por sua vez, são afirmações às quais se atribui a transmissão de normas de conduta ou ensinamentos morais e éticos, geralmente de modo sintético e musical, através de vários tipos de imagens (metáforas, alusões) e recursos estilísticos (paralelismo, antítese, síntese), os quais

ALVES, M. V. - A buen entendedor, pocas palabras bastan: histórico cultural e interfaces lingüísticas de expressões idiomáticas e provérbios do espanhol para o português.

podem caracterizar relações de aproximação de ideias, oposição de argumentos e reflexões acerca do mesmo tema.

Segundo J. CASARES (1992: 192), cuja definição de provérbio transcrevemos a seguir, se trata de “una frase completa e independiente, que en sentido directo o alegórico, y, por lo general, en forma sentenciosa y elíptica, expresa un pensamiento o manera de juicio en el que se relacionan, por lo menos, dos ideas”¹.

Os provérbios fazem parte da herança imaterial de um povo ou comunidade étnica e, em decorrência de sua origem predominantemente oral, possuem autoria desconhecida; refletem a “filosofia” ou sabedoria popular e exprimem crenças baseadas na experiência coletiva, a partir da observação geral e do senso comum.

Convém lembrar que, no Brasil, o termo provérbio abrange uma série de denominações eruditas cujas características, extremamente tênues, dificultam sua identificação; ocorre então a inserção destas nuances no escopo proverbial, e o nome “provérbio” passa a designá-las de modo genérico e includente.

Esta tendência à síntese da nomenclatura distintiva, nas palavras de Câmara CASCUDO (1954: 11), “é uma das formas clássicas da sabedoria, espécie de condensação de experiência, malícia, ironia, sátira, em conceitos breves”, cuja principal função é a de transpor a dificuldade apresentada pelo alto grau de complexidade conceitual dos fraseologismos:

Uns possuem traços particularmente diferenciados de provérbio, como a chufa, o rifão e o dictério que têm traços maliciosos, satíricos e vulgares respectivamente; outros possuem autoria conhecida como o aforismo², o apotegma, o axioma, a citação, o pensamento e a sentença. Existem fraseologismos, como a máxima e o brocardo, que têm cunho erudito; outros, cunho publicitário como o slogan; outros,

¹“uma frase completa e independente que, em sentido direto ou alegórico e em geral de forma sentenciosa e elíptica, expressa um pensamento ou modo de julgamento em que se relacionam, pelo menos, duas ideias.” (CASARES 1992, tradução nossa)

²“O movimento se demonstra andando.” (DIÓGENES LAÉRCIO)

ALVES, M. V. - A buen entendedor, pocas palabras bastan: histórico cultural e interfaces lingüísticas de expressões idiomáticas e provérbios do espanhol para o português.

forma estereotipada como o clichê e a frase feita; sem esquecermos das unidades que se caracterizam primordialmente pela rima, como o refrão. Entretanto, alguns fraseologismos são apenas sutilmente diferentes de provérbio como o adágio, o anexim, o dito, o preceito e o ditado; este último, aliás, difere-se especialmente por não apresentar metáfora (XATARA; SUCCI 2009: 33-34).

Embora o *Dicionário do Folclore Brasileiro*, de Câmara Cascudo (2000), indique a origem latina da maioria dos provérbios incorporados à língua portuguesa (e a outras línguas românicas), o *Livro dos Provérbios* de Salomão, um dos textos sapienciais do Antigo Testamento e obra integrante dos Hagiógrafos do Cânone Judaico, é apontado como o marco difusor da tradição proverbial no mundo ocidental, sobretudo em virtude de sua tradução para o grego e dos estudos realizados por Santo Agostinho a seu respeito.

Há indícios filológicos de que o *Livro de Salomão* - composto por nove coleções e trinta e um capítulos, além do prólogo - tenha recebido, na verdade, contribuições de outros sábios e reis, provavelmente de origem estrangeira, o que atesta a valorização do multiculturalismo e do diálogo intercultural durante o reinado salomônico.

O termo provérbio deriva da palavra hebraica *mashal* (plural: *meshalim*), usada para designar qualquer estrutura literária (oral ou escrita) que sirva à transmissão dos ensinamentos oriundos da sabedoria acumulada pela experiência de um povo - geralmente de modo breve, ritmado e espirituoso.

Logo, o vocábulo *mashal* pode ser empregado para denominar um poema ou discurso de conteúdo moral ou religioso, um oráculo ou outro instrumento profético, um dito popular, uma sátira, parábola, máxima, sentença ou qualquer outra manifestação de efeito moralizante ou didático. Os conselhos e prescrições do *Livro dos Provérbios* tratam dos seguintes temas, conceitos, elementos ou aspectos da vida humana:

- ✓ Sabedoria (ou sapiência), loucura, ira e autocontrole;
- ✓ Laboriosidade, ócio, preguiça, riqueza e pobreza;

ALVES, M. V. - A buen entendedor, pocas palabras bastan: histórico cultural e interfaces linguísticas de expressões idiomáticas e provérbios do espanhol para o português.

- ✓ Humildade e orgulho;
- ✓ Amor, ódio, bondade e retribuição;
- ✓ Honestidade, verdade, lealdade e traição, gentileza, temperança, prudência e fidelidade (como temor a Deus);
- ✓ Como reconhecer um amigo ou um inimigo;
- ✓ As relações entre homens e mulheres, mestres e servos, filhos e pais.

Apesar de muitos linguistas e lexicógrafos terem constatado a ampla aplicabilidade dos provérbios - que raramente fazem referências específicas ou particulares, com exceção dos que mencionam pontos geográficos ou personalidades históricas -, tal abrangência, segundo Câmara CASCUDO (2000), não decorre de sua suposta neutralidade original no que diz respeito à forma, mas do alcance universal de seu conteúdo.

É o caráter universalizante da mensagem proverbial que propicia sua extraordinária adaptação às línguas, referências culturais e costumes locais; este é precisamente o caso do provérbio “Quien fue a Sevilla, perdió su silla”, cujo equivalente em português é “Quem foi à roça, perdeu a carroça”. No que tange à adequação dos provérbios às idiosincrasias linguísticas e às peculiaridades culturais, o folclorista afirma:

Como a maioria absoluta dos gêneros populares, sua universalidade é o segredo da mobilidade e acomodação psicológica. Adapta-se aos países e aos idiomas, figurando flora e fauna, modismos e peculiaridades locais, fingindo fruta da terra. Apenas o indumento é conterrâneo. O espírito corre idêntico em qualquer parte onde o motivo se apresente, semelhantemente, determinando a reação infalível. (CASCUDO 1954: 11)

No caso da língua espanhola, o estudo dos provérbios pode ser vinculado à análise das expressões idiomáticas, sendo as duas tipologias relacionadas em virtude do caráter fixo de ambas, em termos estruturais e de significação. De acordo com Julia Sevilla Muñoz, percebe-se o seguinte:

ALVES, M. V. - A buen entendedor, pocas palabras bastan: histórico cultural e interfaces lingüísticas de expressões idiomáticas e provérbios do espanhol para o português.

Para alguns investigadores, todas estas unidades lingüísticas (as unidades lingüísticas estáveis) se enquadram na fraseologia; para outros, não obstante, sua natureza apresenta diferenças suficientes para que sejam estudadas por duas disciplinas lingüísticas que podem apresentar certos paralelismos, mas são distintas entre si: a fraseologia e a paremiologia. A primeira se dedica ao estudo das expressões estáveis ou fraseologismos, inclusive de alguns enunciados estáveis carentes de mensagem sentenciosa; a segunda, aos enunciados estáveis, breves e sentenciosos, denominados parêmias. (MUÑOZ 2012: 3, tradução nossa)

Apesar das conceituações coincidentes em português e espanhol, os provérbios - aos quais se consagra a paremiologia - costumam constituir uma categoria isolada de investigação na língua portuguesa, ao passo que, no mundo hispanófono, podem ser apresentados - juntamente com as expressões idiomáticas e sob o nome de *refranes* ou *paremias* - como parte integrante do campo da fraseologia, a área da lingüística que se dedica às unidades compostas de significação (sejam elas expressões total ou parcialmente fixas). Conforme o exposto por Jorge Martínez MONTORO (2002: 11-12, tradução nossa), “para o acadêmico (CASARES), as UFS (unidades fraseológicas de significação) se dividem em quatro tipos básicos: 1) locuções; 2) frases feitas; 3) refrões; 4) modismos”. Podemos atribuir tal ocorrência a outra afirmação de MUÑOZ (1996: 641-642, tradução nossa): “Em relação à paremiografia, o nascimento da paremiologia é mais tardio. A paremiologia surge quando se tenta definir o que é refrão e diferenciá-lo de outros termos afins”.

Neste sentido, a conceituação de *locución* feita por Inmaculada PENADÉS (2012) é bastante representativa dos fraseologismos em geral: “combinación fija de palabras que funciona como elemento de la oración y cuyo significado no se corresponde con la suma de los significados de sus componentes”³. Pode-

³ “combinação fixa de palavras que funciona como elemento da oração e cujo significado não se corresponde com a soma dos significados de seus componentes.” (PENADÉS 2012, tradução nossa)

ALVES, M. V. - A buen entendedor, pocas palabras bastan: histórico cultural e interfaces lingüísticas de expressões idiomáticas e provérbios do espanhol para o português.

se perceber que a associação entre as expressões idiomáticas⁴ e os provérbios⁵ em espanhol se dá pelo grau de fixidez de ambos e por sua significação em bloco - em português, por outro lado, o fato de serem, respectivamente, enunciados incompletos e independentes acarreta sua separação, conforme o expresso por Cláudia Xatara e Thaís Succi:

Por fim, consideramos inconfundíveis com o provérbio: a superstição, por se tratar basicamente de uma crença popular relacionada a lendas; e a expressão idiomática porque esta, além de não representar nenhuma verdade universal, na maioria das vezes, é estruturalmente constituída por enunciados incompletos. Para nós, provérbio é uma unidade léxica fraseológica fixa e consagrada por determinada comunidade lingüística, que recolhe experiências vivenciadas em comum e as formula como um enunciado conotativo, sucinto e completo, empregado com a função de ensinar, aconselhar, consolar, advertir, repreender, persuadir ou até mesmo praguejar. (XATARA; SUCCI 2009: 34-35)

Expressões idiomáticas

Origens e correspondências

Para os efeitos e fins delimitados neste trabalho, consideraremos a distinção entre expressões idiomáticas e provérbios, em consonância com o exposto anteriormente; desta maneira, as unidades fraseológicas cujas origens e interfaces estudaremos a seguir não constituem enunciados completos, caracterizando-se assim, em português, como expressões idiomáticas.

A primeira delas, “a ojo de buen cubero”, equivale à expressão “de olho”, na língua portuguesa, e é empregada nos casos em que se avalia determinado peso ou medida de maneira aproximada; quando os sistemas

⁴ *Salir de Guatemala para entrar en Guatepeor; haber gato encerrado.*

⁵ *A quien no le sobra pan, no críe can.*

Cuando te dieren el anillo, pon el dedillo.

ALVES, M. V. - A buen entendedor, pocas palabras bastan: histórico cultural e interfaces linguísticas de expressões idiomáticas e provérbios do espanhol para o português.

métricos ou de pesagem variavam de acordo com os padrões adotados pelos diferentes reinos ou feudos, os *cuberos* - fabricantes de vasilhames e recipientes, principalmente para líquidos - eram os responsáveis pela normalização dos tamanhos e conteúdos nas localidades de seus estabelecimentos.

“A palo seco”, por sua vez, se refere originalmente à necessidade dos marinheiros de navegarem, em dias de vento forte, com as velas recolhidas - ou seja, de mastro descoberto (seco); com o tempo, passou a designar o ato de consumir bebidas sem acompanhamento sólido - ou ainda, segundo alguns autores, certas bebidas sem gelo ou certos petiscos sem o devido molho.

Em português, a expressão correspondente - “a seco” - designa a ingestão de alimentos sólidos sem o acompanhamento líquido; uma segunda acepção é usada quando são dadas certas notícias, geralmente impactantes, de maneira brusca, sem o devido cuidado com o interlocutor.

A próxima expressão tem origem no século XVI e está relacionada a uma taberneira madrilenha chamada María Morena - também conhecida como Marimorena -, cuja recusa em vender o vinho de sua adega rendeu-lhe um processo judicial de caráter litigioso: desde então, “armarse la/una Marimorena” significa iniciar uma briga ou disputa - ou criar confusão; neste sentido, assemelha-se a “armar um barraco” ou “rodar a baiana” em português.

A construção “cabeza de turco”, empregada quando se culpa um inocente por determinado mal ou delito, tem origem na época das Cruzadas: os primeiros embates entre cristãos e turcos - os seljúcidas, no caso - se deram em reação à tomada de Jerusalém pelas tropas do xá Malik, em 1078; quase quatrocentos anos depois, Constantinopla - capital do Império Bizantino - foi rendida pelos turcos otomanos.

Era então habitual que os cristãos atribuíssem aos turcos a responsabilidade por todos os males do mundo - doenças, pragas, catástrofes, calamidades, desastres de toda sorte e malogros diversos; não raro, tal prática era acompanhada pelo ato de decapitar o inimigo e exibir sua cabeça, como troféu de guerra, em local de grande visibilidade.

ALVES, M. V. - A buen entendedor, pocas palabras bastan: histórico cultural e interfaces linguísticas de expressões idiomáticas e provérbios do espanhol para o português.

Esta expressão corresponde, em português, a “bode expiatório” - forma também encontrada na língua espanhola (“chivo expiatorio”) e cuja origem remonta a um rito judaico de expiação em que um bode, ao qual se atribuía a culpa por todos os infortúnios da comunidade, era sacrificado ou deixado para morrer.

Quanto a “cortar el bacalao”, observam-se três versões sobre sua origem: a primeira indica que o bacalhau salgado, graças à sua durabilidade, era transportado para as colônias espanholas no Novo Mundo e distribuído entre os escravos pelos capatazes das fazendas - ou seja, por aqueles que mandavam, a quem os escravos deveriam se submeter.

Note-se que, no século XVI, era grande a oferta de bacalhau na Península Ibérica; mesmo em tempos de escassez de recursos alimentares, o bacalhau era um dos produtos mais baratos e acessíveis, o que nos leva a outra hipótese sobre a origem da expressão: em épocas de carestia, cabia aos patriarcas - que detinham o poder hierárquico - repartir o bacalhau e distribuir as porções entre os membros das famílias.

Outras fontes atribuem o surgimento da expressão às mercearias (*tiendas de ultramarinos*), nas quais o bacalhau era cortado com um facão afiado, manejado por alguém habilidoso o bastante para a tarefa - em geral, o proprietário do estabelecimento. Nos três casos, é consagrada a figura do chefe ou líder, aquele que detém a autoridade e toma as decisões - em português, o “manda-chuva”, “aquele que apita”.

“Dar calabazas”, como sinônimo de reprovar alguém em uma avaliação ou rejeitar um pretendente, faz referência ao fato de que a abóbora, durante muito tempo, foi considerada um alimento sem valor; além disso, desde a Antiguidade Clássica até a Idade Média, as abóboras e suas sementes eram tidas como inibidoras do apetite sexual, tendo sido consumidas, em ocasiões de abstenção e penitência religiosa, como forma de afastar os chamados desejos pecaminosos e pensamentos impuros.

Na Catalunha, era costume que a família de uma moça cortejada servisse abóbora a seu pretendente, em sua primeira visita, como sinal de desagrado ou

ALVES, M. V. - A buen entendedor, pocas palabras bastan: histórico cultural e interfaces lingüísticas de expressões idiomáticas e provérbios do espanhol para o português.

reprovação. Em português, a expressão corresponde a “levar bomba/pau”, no sentido de ficar reprovado em um exame; neste caso, o foco é deslocado do agente para o paciente da ação. Em sua segunda acepção, “dar calabazas” equivale a “não dar bola para alguém”.

Já “dar el pego” - “passar a perna em alguém”, na língua portuguesa - faz alusão a um truque utilizado por hábeis jogadores de cartas para trapacear; a manobra era executada com o auxílio de cera ou qualquer outra substância pegajosa que mantivesse duas cartas coladas, a fim de que uma arrastasse a outra no momento em que o jogador assim o desejasse. “Dar el tostón” tem origem nos pedaços de pão frito ou torrado que acompanham alguns pratos (cada um destes pedaços é chamado de “tostón”): em virtude de sua consistência e textura, são difíceis de mastigar e digerir.

Deste modo, a expressão encontra correspondência, em português, na estrutura “ser/estar um saco”, atribuída a algo ou alguém que causa tédio ou aborrecimento. “Dar gato por liebre”, como muitas expressões, tem origem medieval: era comum que, nas estalagens, se servisse carne de gato - muito semelhante à da lebre - quando faltassem a carne de vaca e a vitela. Em português, é mais comum que se diga “levar gato por lebre”, enfatizando assim a figura do enganado - ao passo que, em espanhol, a ênfase recai sobre o enganador.

O ato de enganar está relacionado ao fato de que os consumidores da carne de gato não eram informados sobre sua procedência, embora dela tivessem certa desconfiança; como prova disto, era comum que dissessem, antes de fazer suas refeições: “Si eres cabrito, mantente frito; si eres gato, salta del plato”.

O fraseologismo “dar la nota” está associado ao universo musical: quem sobressai negativamente detém toda a atenção à sua volta, como faria um solista, e o faz de modo dissonante, em desacordo com os demais - exatamente como quem gosta de “aparecer” ou “se mostrar”, de acordo com a língua portuguesa.

ALVES, M. V. - A buen entendedor, pocas palabras bastan: histórico cultural e interfaces lingüísticas de expressões idiomáticas e provérbios do espanhol para o português.

Também em português, “fazer alguém de bobo/trouxa” encontra equivalência na expressão espanhola “dársela a uno con queso”, originada por uma prática de donos de bodegas na Mancha: antes que os compradores de seus vinhos provassem a mercadoria - o que era habitual -, os comerciantes lhes ofereciam um prato de queijo manchego com azeite, o que lhes anestesiava o paladar e impedia que distinguíssem o bom vinho do vinagre.

“Discusión bizantina” é, em português, uma “discussão sobre o sexo dos anjos” - e justamente nisto reside a sua origem: os sábios de Bizâncio, mesmo na iminência da conquista da cidade pelos turcos, mantinham a fama de se perder em debates inúteis, conforme atesta o conteúdo da mais conhecida destas discussões: o sexo dos anjos propriamente dito.

“En un santiamén” - ou seja, “em um piscar de olhos” em português - alude à rapidez com que se faz algo; é o mesmo tempo que alguém leva para fazer o sinal da cruz e dizer: “Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém”.

“Estar mal de la azotea” - em outras palavras, estar mal da cabeça, estar louco - associa a parte superior do corpo humano (a cabeça) à de uma edificação (o terraço). Em português, a expressão apresenta várias opções de correspondência: estar “com um parafuso a menos”, “mal da cachola”, “lelé da cuca”, “com o pino solto/frouxo” são algumas delas.

Quanto ao fraseologismo seguinte, “esto es Jauja” - indicador de um lugar paradisíaco em que são esquecidas todas as preocupações -, podemos dizer que está relacionado à tranquila cidade peruana que leva o mesmo nome e cuja bela paisagem faz com que se aproxime das imagens do “Éden” e do “Nirvana” incorporadas pela língua portuguesa. À época de Francisco Pizarro, seu fundador, Jauja era também sinônimo de abundância e prosperidade - o “El Dorado”, como se diz em português. Os colonizadores espanhóis, além de cunharem a expressão, difundiram-na no intuito de recrutar um número maior de marinheiros para novas expedições.

As “historias rocambolescas” - em espanhol e português (neste caso, com o devido acento em “histórias”) - evocam o personagem Rocambole,

ALVES, M. V. - A buen entendedor, pocas palabras bastan: histórico cultural e interfaces lingüísticas de expressões idiomáticas e provérbios do espanhol para o português.

protagonista das inverossímeis aventuras escritas no século XIX pelo aristocrata francês Pierre-Alexis Ponson du Terrail (também os “cuentos chinos” são histórias em que dificilmente se acredita, semelhantes às “histórias de pescador” da língua portuguesa).

“Irse de picos pardos” remete ao fato de que Carlos III, no século XVIII, impôs às prostitutas que usassem saias de cores escuras e com a bainha em bicos, como traço distintivo de sua profissão. Antes de se tornarem um meio de identificação da atividade da prostituição, as saias em bicos já haviam sido usadas por mulheres do povo, nos séculos XIV e XV, sem esta conotação. Hoje em dia, “irse de picos pardos” equivale, em português, a “cair na gandaia”.

“Las cuentas del Gran Capitán” - os “gastos nababescos” em português brasileiro - se referem às exorbitantes e díspares contas prestadas por Dom Gonzalo Fernández de Córdoba aos Reis Católicos, no final do século XV, após a conquista de Nápoles e conseqüente expulsão dos franceses.

Já “mearse fuera del tiesto” pode gerar equívoco pela imediata associação com a forma “mijar fora do penico” em português, que equivale a burlar uma regra ou convenção - mais especificamente, cometer adultério ou “pular a cerca”. A expressão em espanhol, na verdade, é utilizada quando alguém se desvia de determinado assunto de tal maneira que acaba por “viajar na maionese” ou “pirar na batatinha”.

No que diz respeito à construção “meter la pata”, deve-se tomar cuidado para não confundi-la com “echar/tirar la pata” - “prendre son pied” em francês e “afogar o ganso” ou “molhar o biscoito” em português -, que corresponde a manter relações sexuais. “Meter la pata” - que equivale a cometer um erro, se atrapalhar, “meter os pés pelas mãos” na língua portuguesa - faz alusão ao erro que faz com que um animal seja pego em uma armadilha; outra versão afirma que se trata de uma variante de “mentar a pateta” - que significava mencionar o nome do diabo (“nombrar al diablo”) em espanhol arcaico, sendo o próprio diabo o responsável pelo malfeito em questão.

“Meterse en camisa de once varas” - complicar a vida desnecessariamente, equivalente a “inventar moda”, “arranjar ou arrumar

ALVES, M. V. - A buen entendedor, pocas palabras bastan: histórico cultural e interfaces lingüísticas de expressões idiomáticas e provérbios do espanhol para o português.

problema/dor de cabeça/complicação/sarna para se coçar” em português - remonta a um rito medieval cumprido em caso de adoção: o candidato a pai conduzia o futuro filho adotivo através da manga de uma camisa cuja largura fosse de onze varas, retirando-o pela gola ou colarinho, numa espécie de simulação do parto. A unidade de medida conhecida como vara equivalia a 83,5 centímetros; como a cerimônia de recriação do parto não garantia o sucesso da adoção - principalmente quando os adotados eram já crescidos, e a adoção era motivada por questões meramente sucessórias -, a expressão passou a se referir a situações que têm grandes chances de ocasionar conflito, tensão ou decepção. Convém observar que, de acordo com Antenor NASCENTES (1986), João RIBEIRO (1960) e o próprio Câmara CASCUDO (2000), tal expressão era também corrente no português do Brasil, tendo caído em desuso na segunda metade do século XX (um dos últimos escritores brasileiros a registrá-la foi Carlos Drummond de Andrade).

“Morder el polvo” - na língua portuguesa, “beijar a lona/o chão” - tem origem igualmente medieval: os cavaleiros que fossem derrotados em batalha e gravemente feridos mordiam ou beijavam um punhado de terra como manifestação de humildade e reverência. Além de reconhecerem publicamente sua derrota através deste ato, demonstravam respeito pela terra que os havia de acolher na morte.

“Beijar a lona” faz referência à prática esportiva do boxe e demonstra, de modo literal, o que acontece com o lutador nocauteado; já a forma “beijar o chão”, devido ao seu baixo grau de informalidade, é consagrada em alguns trechos do texto bíblico - como demonstração de submissão em uma situação humilhante:

E, naquele grande dia, este cântico será entoado em toda a Judá: “Uma cidade fortificada é a nossa segurança; o Senhor cercou-a de muros e antemuro. Abri as suas portas, para que entre um povo justo, cumpridor da palavra, firme em seu propósito; e tu lhe conservarás a paz, porque confia em ti. Esperai no Senhor por todos os tempos, o Senhor é a rocha eterna. Ele derrubou os que habitam no alto, há de humilhar a cidade orgulhosa, deitando-a por terra, até fazê-la *beijar*

ALVES, M. V. - A buen entendedor, pocas palabras bastan: histórico cultural e interfaces lingüísticas de expressões idiomáticas e provérbios do espanhol para o português.

o chãõ. Hão de pisá-la os pés, os pés dos pobres, as passadas dos humildes”. (ISAÍAS, 26:1-6)

A construção “No hay tu tía”, que estabelece correspondência na língua portuguesa com “O que não tem remédio...” (parte do provérbio “O que não tem remédio, remediado está”), encontra eco na fuligem remanescente da fundição de cobre ou zinco, utilizada pelos árabes para fins medicinais, em especial para tratamentos oftalmológicos.

A *altutiya*, sob a forma de unguento, passou a ser usada pelos espanhóis como uma espécie de panacea; o entendimento deturpado da palavra e a reprodução da corruptela derivada deste engano originaram a expressão - que não tem relação alguma com o grau de parentesco a que parece se referir, mas com um problema ou mal para o qual, aparentemente, não há solução.

“Pasar la noche en blanco”, equivalente à forma “passar a noite em claro” na língua portuguesa, faz alusão ao rito medieval obedecido pelos aspirantes a cavaleiros, na véspera de sua sagração: passavam a noite acordados, velando as armas da ordem de que passariam a fazer parte e usando uma vestimenta branca, geralmente uma túnica, como símbolo de elevação ou purificação espiritual.

De maneira semelhante, “pasar una noche toledana” designa o ato de passar uma noite sem dormir - “sem pregar o olho”, em português. São três as versões acerca das origens desta expressão: a primeira se refere ao incômodo causado pelos mosquitos provenientes do rio Tejo, sobretudo no verão, aos habitantes de Toledo; a segunda está relacionada a um hábito cultivado pelas jovens toledanas solteiras no século XVII: como acreditavam que se casariam com o primeiro homem cuja voz ouvissem na noite de São João, as moças costumavam passá-la sem dormir.

A última versão remete a um episódio histórico, ocorrido no começo dos anos 800, cujo ponto de partida foi a notória autonomia de Toledo à época: apesar de estar sob o governo de Al-Hakam I, emir de Córdoba, o povo toledano mantinha relativa independência, o que gerava suspeitas constantes de

ALVES, M. V. - A buen entendedor, pocas palabras bastan: histórico cultural e interfaces lingüísticas de expressões idiomáticas e provérbios do espanhol para o português.

rebeliões iminentes. Um novo governador, Amrus, foi então enviado a Toledo, e convidou os membros da nobreza local para um banquete em sua residência; por volta de meia-noite, os comensais foram degolados, e seus corpos foram atirados em um fosso.

Tanto no caso de “pasar la noche en blanco” quanto no de “pasar una noche toledana”, percebe-se claramente que as causas das noites de insônia são sempre desagradáveis, em maior ou menor grau - embora algumas delas não sejam propriamente graves (a ansiedade, por exemplo).

A expressão “poner la mano en el fuego” está vinculada ao hábito pagão de se verificar a inocência de alguém através de sua resistência ao fogo; originalmente disseminado entre as tribos germânicas, este costume foi assimilado pela Igreja Católica na Idade Média como instrumento do julgamento divino, aplicado aos hereges para constatar sua culpabilidade e estendido a obras literárias e artísticas que fossem consideradas uma ameaça às normas morais e um desafio aos dogmas.

Diante do Tribunal Inquisitório, o suspeito deveria ser exposto às chamas de uma fogueira ou segurar ferros em brasa; algumas vezes, o acusado - além de segurar um objeto incandescente - tinha as mãos atadas com estopa e cera. Após o derretimento da cera, a gravidade das queimaduras era avaliada para que se confirmasse sua condenação. Tanto em português quanto em espanhol, só se deve “pôr a mão no fogo” por alguém em quem se confia plenamente, como forma de se atestar sua idoneidade.

Já “poner los puntos sobre las íes” - “pôr os pingos nos is”, em português - se refere à dificuldade de se distinguir, principalmente em letras góticas e nos textos latinos, a letra “u” de duas letras “i” seguidas; por este motivo, foram adotados os pontos (ou pingos) por volta do século XVI. Desta maneira, a expressão passou a designar a ação de esclarecer situações difíceis ou duvidosas, mesmo sob pena de causar contrariedade a alguém.

“Ponerse las botas”, por sua vez, faz dupla referência: ao ato de enriquecer, às vezes de modo repentino e ilícito, e ao de cometer excessos alimentares. No primeiro caso, a origem da expressão está relacionada ao fato

ALVES, M. V. - A buen entendedor, pocas palabras bastan: histórico cultural e interfaces lingüísticas de expressões idiomáticas e provérbios do espanhol para o português.

de que, entre romanos e bizantinos, só os membros das classes sociais mais altas calçavam botas; no segundo, o consumo exagerado de comida e bebida também está ligado a uma condição abastada ou a uma ocasião da qual se tira proveito - na língua portuguesa, "tirar a barriga da miséria" se aplica a ambos os casos.

"Saber algo al dedillo" se refere ao movimento que fazemos com os dedos ao enumerarmos silenciosamente aquilo que sabemos com perfeição; à semelhança do que ocorre no inglês ("by heart"), a língua portuguesa alude ao coração ("de cor", "de cor e salteado") para expressar aquilo que se sabe a fundo e de memória⁶.

Quanto à origem de "salir rana", há duas explicações possíveis: uma reside na frustração dos pescadores que obtinham rãs em vez de peixes; a outra, de ordem biológica, faz referência a uma das fases do desenvolvimento das rãs, durante a qual se assemelham a peixes e podem causar engano. Em ambas as situações, a decepção causada por um resultado imprevisto e desagradável faz com que a expressão se aproxime de "dar-se mal", "estreparesse", no sentido de que não se obtenham os (bons) efeitos esperados.

"Salvarse por los pelos" - em português, "ser salvo por um triz" ou "ser salvo pelo gongo" - indica sua origem de modo literal: no início do século XIX, o rei José I Bonaparte (regente da Espanha ocupada pelos franceses) promulgou uma lei que obrigava os marinheiros a manterem os cabelos bem cortados; na época, era bastante comum que marinheiros (e piratas) não soubessem nadar, o que gerou grande preocupação na Marinha e protestos bem-sucedidos de marujos e oficiais que sabiam que, em caso de homem ao mar, os cabelos longos poderiam ser de grande utilidade para resgatar o homem em questão ou trazê-lo de volta à embarcação. Por esta razão, a expressão passou a designar aquele

⁶ Em francês, são duas as expressões que aqui se aplicam: "savoir par coeur" e "connaître/savoir sur le bout du doigt", cuja origem pode estar relacionada ao costume de passar os dedos sobre as linhas de um texto para guiar a leitura ou ligada a um hábito cultivado pelos escultores, que deslizavam os dedos sobre o mármore para verificar a qualidade de seu trabalho, examinando-o em detalhes.

ALVES, M. V. - A buen entendedor, pocas palabras bastan: histórico cultural e interfaces lingüísticas de expressões idiomáticas e provérbios do espanhol para o português.

que se livra, muitas vezes à última hora, do risco iminente ou quem sai ileso de uma situação perigosa.

Derivada de um provérbio (“Culo de mal asiento, no acaba cosa ninguna y empieza ciento”), a forma “ser culillo de mal asiento” se refere àqueles que dificilmente se concentram nas tarefas e atividades que se dispõem a executar, não conseguindo, portanto, concluí-las; se diz o mesmo daqueles que não conseguem manter um emprego, um trabalho ou a rotina por muito tempo: em português, alguém que não consegue “sossegar o facho” em lugar algum/com ninguém (no caso dos relacionamentos amorosos) ou que não “para quieto” - como os recipientes cujo fundo é irregular.

“Tener más cuento que Calleja” apresenta uma origem bastante peculiar, pois faz referência à figura do editor Saturnino Calleja y Fernández, dono da Casa Editorial Calleja, fundada no século XIX e especializada em publicações de caráter lúdico e recreativo - em particular, livros de contos que, graças ao preço acessível e à grande quantidade de ilustrações, se tornaram bastante populares em sua época.

A expressão se aplica, de maneira geral, àqueles que têm uma tendência - intencional ou não - a distorcer a realidade, exagerando seus males e problemas (“fazendo um drama”, em português), dando desculpas “esfarrapadas” (equivalentes à “conversa para boi dormir” da língua portuguesa) ou contando histórias pouco críveis (as nossas “histórias de pescador”).

“Tener muchos humos” remete à Roma Antiga, cujas famílias mais influentes mantinham em suas residências bustos ou retratos de seus antepassados; com o passar do tempo, as imagens - geralmente talhadas em pedra - retinham fuligem e poeira ou ficavam enegrecidas por ficarem expostas ao tempo: quanto mais escuras, mais antigas - e também maior o prestígio familiar. Por conseguinte, a expressão se aplica aos que são altivos em demasia ou àqueles que vivem de aparências: em português, respectivamente, se diz que alguém “é cheio de pose” ou que “come sardinha e arrota bacalhau”.

ALVES, M. V. - A buen entendedor, pocas palabras bastan: histórico cultural e interfaces linguísticas de expressões idiomáticas e provérbios do espanhol para o português.

“Tener un cerebro de pajarito” (ou “ser un cabeza de chorlito”) corresponde às formas “ter uma cabeça de camarão” ou “ser um cabeça de camarão” na língua portuguesa, e indica a pouca inteligência de alguém; pesquisas científicas realizadas na primeira metade do século XX - e hoje bastante questionadas - demonstravam que, em detrimento da inteligência, o instinto prevalecia no comportamento das aves, conforme a observação de C.J. Herrick (1924): “Se reconoce en todos lados que las aves poseen dotes instintivas altamente complejas y que son de inteligencia limitada”⁷.

Também de maneira equivocada, a expressão “tener vista de lince” (ou seja, ter a visão excepcionalmente boa) foi assim consagrada, inclusive em outras línguas: “ter olhos de lince”, em português, e “avoir des yeux de lynx”, em francês. Na verdade, a referência original da expressão não é ao felino, mas ao mitológico rei Linceu - um dos Argonautas que acompanharam Jasão em sua busca pelo Velocinho de Ouro -, dotado da capacidade de ver através de muros, paredes e montanhas.

“Tirar la casa por la ventana” - “gastar o que pode e o que não pode”, em português - é uma referência ao hábito de se jogar, literalmente, o mobiliário pela janela em caso de premiação na Loteria Federal espanhola (*la Lotería Nacional*); este costume foi adquirido no século XVIII - quando a referida loteria foi instituída, sob o reinado de Carlos III - e demonstra os gastos extraordinários feitos por alguém.

Quanto a “tirar los tejos”, que corresponde a “arrastar uma asa” em português - no sentido de cortejar ou manifestar interesse amoroso por alguém -, sua origem está ligada aos pequenos pedaços de madeira, telha ou pedra que eram lançados no jogo infantil conhecido como *tejo*, que tinha por objetivo derrubar uma estaca de madeira fincada no chão.

⁷“É amplamente reconhecido que as aves possuem dons instintivos altamente complexos e que são de inteligência limitada.” (HERRICK 1924, tradução nossa)

ALVES, M. V. - A buen entendedor, pocas palabras bastan: histórico cultural e interfaces lingüísticas de expressões idiomáticas e provérbios do espanhol para o português.

Já “tirar manteca al techo”⁸ surgiu nos anos 20, em Buenos Aires, quando os jovens entediados de famílias abastadas começaram a atirar manteiga ao teto como passatempo. Logo surgiram verdadeiros concursos e torneios desta modalidade de arremesso, nos quais os nacos de manteiga eram lançados com a ajuda de algum talher que fazia as vezes de catapulta. Com rapidez similar, os campeonatos se tornaram um símbolo do desperdício em nome do divertimento. Na língua portuguesa, a construção que mais se aproxima da expressão em espanhol é “jogar dinheiro pela janela”, que indica os gastos feitos de modo excessivo e inconsequente, geralmente por motivos fúteis ou ostentação.

O fraseologismo que encerra esta etapa de nossa análise está relacionado ao léxico específico da área de Relações Internacionais, tendo sido cunhado por um diplomata: a expressão “un algodón entre dos cristales” foi utilizada, pela primeira vez, por Lord (John) Ponsonby, representante da Inglaterra na mediação dos conflitos que culminaram na independência da Província Cisplatina, em 1828; tal fato originou o Estado Uruguaio - à época, denominado Estado Oriental e, mais tarde, República Oriental do Uruguai.

De acordo com o mediador britânico, a fundação da república uruguaia representava a colocação de “um algodão entre dois cristais”, atenuando as tensões entre Brasil e Argentina, Estados então historicamente propensos a conflitos por disputas territoriais e pelo controle das áreas de navegação. Por sua origem e uso restrito, a expressão é empregada, com maior frequência, no meio diplomático e no campo das RIs - e, ainda mais especificamente, no Brasil e nos países hispano-americanos.

Em dezembro de 2012, durante um encontro de líderes do Mercosul em Brasília - no qual o presidente do Uruguai, José Mujica, assumiu a presidência *pro tempore* do bloco -, o mandatário uruguaio reproduziu as palavras de Lord

⁸ Em inglês, a forma “party with Jay Gatsby” é bastante ilustrativa, pois alude às extravagantes festas do protagonista de “O Grande Gatsby”, de F. Scott Fitzgerald - romance cuja trama, não por coincidência, é ambientada também na década de 20.

ALVES, M. V. - A buen entendedor, pocas palabras bastan: histórico cultural e interfaces lingüísticas de expressões idiomáticas e provérbios do espanhol para o português.

Ponsonby em sua declaração acerca das relações do Uruguai com o Brasil e a Argentina:

Cumbre de Presidentes del Mercosur: “Un algodón entre dos cristales”. Así definió el presidente uruguayo “Pepe” Mujica, quien asumirá hoy la presidencia pro t mpore del Mercosur, el rol que ocupa su país en el plano regional resaltando las relaciones entre Argentina y Brasil, principales socios del bloque. Con la nueva incorporación de Venezuela, la suspensión de Paraguay y la espera a las definiciones de Bolivia y Ecuador, se lleva a cabo hoy, en Brasilia, el encuentro de Presidentes del Mercosur. (OLIVA 2012)

Casos especiais

No tocante às expressões a seguir, percebe-se que algumas apresentam sutis varia es em rela a às formas correspondentes na língua portuguesa; já outras podem facilmente induzir a erro, pois se assemelham a determinadas estruturas que, em português, possuem matizes diferenciais significativos, o que pode dificultar sua tradu a.

Nosso primeiro exemplo   “coger/agarrar el toro por los cuernos”: embora haja um equivalente perfeito na língua portuguesa, tanto na forma quanto no significado - “agarrar o touro pelos chifre/cornos”, no sentido de enfrentar corajosamente uma situa a difícil ou arriscada, como na tauromaquia -, a alternativa “agarrar/pegar o touro a unha”   muito mais popular.

A variante coloquial “costar un ojo de la cara” se aproxima bastante da forma “custar os olhos da cara”, em portugu s - que, por sua vez, se distancia de “costar un ri n n”; este distanciamento se deve, principalmente,   parte do corpo a que se alude para designar aquilo que   excessivamente caro (“an arm and a leg”, em ingl s; “la peau des fesses”, em franc s).

J  “echarle a uno los perros” difere fortemente da expressão “soltar os cachorros em alguém”, que equivale a brigar ou perder a paci ncia com alguém,

ALVES, M. V. - A buen entendedor, pocas palabras bastan: histórico cultural e interfaces linguísticas de expressões idiomáticas e provérbios do espanhol para o português.

desmoralizando-o ou destratando-o. Em espanhol, a construção se aplica aos casos em que se deseja tirar alguém de seu imobilismo ou passividade, obrigando-o a tomar uma decisão ou atitude - não necessariamente violenta.

Por este motivo, também é equivocada a aproximação com a forma "cutucar a onça com vara curta", usada em situações que geram uma resposta hostil ou uma reação agressiva da parte de quem é "cutucado". Assim, a opção mais viável, na língua portuguesa, é "fazer com que alguém se mexa ou se coce".

“Estar/meterse en la boca del lobo” - ou seja, estar em grande perigo ou colocar-se em sério risco - são construções que convergem para as formas “brincar com o perigo” ou “dar mole para o azar” em português, já que as estruturas “estar/entrar na toca (ou no covil) do(s) lobo(s)” não implicam risco grave; na língua portuguesa, estas expressões são aplicadas aos casos em que alguém está ou se coloca em situação difícil ou delicada - mas não obrigatoriamente arriscada.

Fato semelhante ocorre com as expressões “hacer de tripas corazón” e “fazer das tripas coração”: ambas enfatizam o grande esforço feito por alguém para atingir um objetivo que, em espanhol, geralmente inspira medo, asco ou contrariedade, ao passo que, em português, a tarefa a ser cumprida não precisa ser desagradável, ainda que requeira muito empenho. Por essa razão, as duas expressões podem ser usadas de modo intercambiável: a ideia de sacrifício, presente em ambas, pode ter diferentes gradações e até remeter, em português, à noção de sacrifício voluntário.

A forma “pedirle peras al olmo” equivale a “pedir o impossível”, o que pressupõe não conseguir o que se pede; na língua portuguesa, por outro lado, “tirar leite de pedra” (“get blood out of a stone”, em inglês) é obter algo com muita dificuldade.

“Ponerse como una vaca” (ou “ser una vaca”) equivale a “estar gordo(a) como um(a) porco(a)” ou “estar um(a) porco(a) de gordo(a)”, na língua portuguesa; já “ser un(a) gallina”, no sentido de ser covarde ou medroso(a),

ALVES, M. V. - A buen entendedor, pocas palabras bastan: histórico cultural e interfaces linguísticas de expressões idiomáticas e provérbios do espanhol para o português.

encontra correspondência, em português, em “ser um rato” - em geral, neste caso, não há flexão de gênero⁹.

“Ser un zorro” (ser astuto) encontra eco nas formas “ser uma raposa” e “ser um macaco velho” - embora, em português, seja muito mais recorrente a forma “ser uma raposa velha” (equivalente a “être un vieux renard”, em francês), que faz alusão à sabedoria e à experiência de alguém, mais do que à sua astúcia.

Por fim, “tener memoria de pez” (“have a fish memory”, em inglês) corresponde, em português, a “ser avoado/um cabeça de vento”: trata-se de alguém distraído ao extremo - alguém cuja desatenção faz com que não retenha informações relevantes nem dados recentes na memória.

Provérbios e Equivalências

Provérbio em espanhol	Correspondente(s) em português
<i>A buenas horas, mangas verdes.</i>	Agora é tarde, Inês é morta! Depois da porta arrombada, coloca-se a tranca. Depois de arrombada a porta, coloca-se o cadeado.
<i>A buen entendedor, pocas palabras bastan.</i>	Para bom entendedor, meia palavra basta. Para bom entendedor, pingo é letra.
<i>A caballo regalado, no le mires el diente.</i>	A cavalo dado não se olham os dentes.
<i>A gran subida, gran caída.</i>	Quanto maior a subida, maior a queda.

⁹ Convém observar que, na língua portuguesa, “ser um(a) galinha” se aplica àqueles que têm múltiplos parceiros sexuais.

ALVES, M. V. - A buen entendedor, pocas palabras bastan: histórico cultural e interfaces lingüísticas de expressões idiomáticas e provérbios do espanhol para o português.

	Quanto maior a altura, maior o tombo.
<i>A la ocasión la pintan calva.</i>	A ocasião, depois de perdida, não volta mais na vida.
<i>A quien madruga, Dios le ayuda.¹⁰</i>	Deus ajuda a quem cedo madruga.
<i>A rey muerto, rey puesto.</i>	Rei morto, rei posto.
<i>Bicho malo nunca muere.</i>	Vaso ruim não quebra.
<i>Camarón que se duerme se lo lleva la corriente.</i>	Camarão que dorme a onda leva.
<i>Cuando la pobreza entra por la puerta, el amor sale por la finestra.</i>	Quando a fome entra pela porta, o amor sai pela janela.
<i>Cuando sale el gato, los ratones hacen fiesta.</i>	Quando o gato sai, os ratos fazem a festa.
<i>Dame y te daré.</i>	Uma mão lava a outra.
<i>De tal cabeza, tal sentencia.</i>	Cada cabeça, uma sentença.
<i>Dos no riñen, si uno no quiere.</i>	Quando um não quer, dois não brigam.
<i>El buen perfume se vende en frasco pequeño.</i>	Os melhores perfumes vêm nos menores frascos.
<i>El hijo de la gata, ratones mata.</i>	Quem sai aos seus não degenera.
<i>El infierno está empedrado de buenas intenciones.¹¹</i>	De boas intenções, o inferno está cheio.
<i>En boca cerrada, no entran moscas.</i>	Em boca fechada não entra mosca.
<i>En casa del herrero, cuchillo de palo.</i>	Casa de ferreiro, espeto de pau.
<i>En casa del pobre, dura poco la alegría.</i>	Alegria de pobre dura pouco.

¹⁰ *A quien labora, Dios lo mejora.* (forma alternativa)

¹¹ *The road to hell is paved with good intentions.* (equivalente em inglês)

ALVES, M. V. - A buen entendedor, pocas palabras bastan: histórico cultural e interfaces lingüísticas de expressões idiomáticas e provérbios do espanhol para o português.

<i>Gato escaldado, del agua fría huye.</i>	Gato escaldado tem medo de água fria.
<i>Gota a gota, se llena la bota.</i>	De grão em grão, a galinha enche o papo.
<i>Haz bien y no mires a quién.</i>	Faz o bem sem olhar a quem.
<i>La gallina de mi vecina más huevos pone que la mía.</i>	O pasto do vizinho é sempre mais verde. O gado do vizinho é sempre mais gordo.
<i>La mentira tiene patas cortas.</i>	A mentira tem perna(s) curta(s).
<i>Les das la mano y te cogen el brazo.</i>	Dá-se a mão, querem logo o braço.
<i>Los trapos sucios se lavan en casa.</i>	Roupa suja se lava em casa.
<i>Más vale pájaro en mano que ciento volando.¹²</i>	Mais vale um pássaro na mão do que dois voando.
<i>No hay carne sin hueso.</i>	Não há rosa sem espinhos.
<i>No hay humo sin fuego.</i>	Onde há fumaça, há fogo!
<i>No hay peor ciego que el que no quiere ver.¹³</i>	O pior cego é aquele que não quer ver.
<i>Paso a paso se va lejos.</i>	Devagar se vai ao longe.
<i>Perro ladrador, poco mordedor.</i>	Cão que ladra não morde.
<i>Quien a hierro mata, a hierro muere.</i>	Quem com ferro fere, com ferro será ferido.
<i>Quien come la carne, que roa el hueso.</i>	Quem comeu a carne, que roa o osso.
<i>Quien mucho abarca, poco aprieta.</i>	Quem muito quer, nada tem. Quem tudo quer, nada tem.
<i>Quien fue a Sevilla, perdió su silla.</i>	Quem foi à roça, perdeu a carroça.

¹² *A bird in the hand is worth two in the bush.* (correspondente em inglês)
È meglio un uccello in gabbia che cento fuori. (correspondente em italiano)

¹³ *No hay peor sordo que el que no quiere oír.* (forma alternativa)

ALVES, M. V. - A buen entendedor, pocas palabras bastan: histórico cultural e interfaces linguísticas de expressões idiomáticas e provérbios do espanhol para o português.

<i>Se dice el pecado, pero no el pecador.</i>	Conta-se o milagre, mas não se diz o nome do santo.
<i>Tras la tempestad, viene la calma.</i> ¹⁴	Depois da tempestade (sempre) vem a bonança. Depois da tormenta (sempre) vem a calma.
<i>Unos tanto y otros tan poco.</i>	Uns com tanto e outros com tão pouco!

Conclusão

À guisa de conclusão, convém assinalar que, de forma análoga, expressões idiomáticas e provérbios são observados como manifestações particulares de ritos sociais. Neste contexto, entende-se por rito todo mecanismo de compartilhamento e perpetuação de valores e ideias de grande poder simbólico na estruturação e manutenção das sociedades; como formas de expressão de uma comunidade, de seus fatos culturais e relações sociais, os ritos permitem ao indivíduo comunicar-se e identificar-se com o sistema coletivo de representação em que está inserido, proporcionando-lhe a noção de pertencimento a determinado grupo social, cultural ou identitário.

O rito favorece a convergência de identidades individuais, através de imagens e símbolos partilhados, na construção e preservação do imaginário popular e na reprodução de seus discursos mais representativos. Transcendendo a dimensão religiosa, o rito - inclusive na esfera linguística - parte da consolidação de sentidos para conferir legitimidade a certas práticas na dinâmica social e no âmbito discursivo; para o sociólogo Claude Rivière, “sua

¹⁴ *Después de la tormenta siempre viene/llega la calma.* (variações)

ALVES, M. V. - A buen entendedor, pocas palabras bastan: histórico cultural e interfaces lingüísticas de expressões idiomáticas e provérbios do espanhol para o português.

execução é imperativa para recriar periodicamente a identidade moral (*l'être moral*) da sociedade” (RIVIÈRE 1997: 45).

Bibliografia

- BECHARA, E. *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa - ABL*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.
- CASCUDO, L. da C. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. São Paulo: Global, 2000 [1954].
- CARTER, R. *Vocabulary: Applied Linguistics Perspectives*. London: Allen and Unwin, 1987.
- CASARES, J. *Introducción a la Lexicografía Moderna*. Madrid: CSIC, 1992.
- COSTA, W. D. *Expresiones Idiomáticas en Español*. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2006.
- REMIRO, J. L. G. *A Buen Entendedor*. Madrid: Alianza, 2011.
- GIDDENS, A. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- HERRICK, C. J. *Neurological foundations of animal behaviour*. New York: Henry Holt & Company, 1924.
- HIGUERAS GARCÍA, M. Aprender y Enseñar Léxico. In: *Didáctica del Español como Lengua Extranjera 3, Colección Expolingua*. Madrid: Fundación Actilibre, 1996.
- HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- LURATI, O. *Per Modo di Dire - Storia della Lingua e Antropologia nelle Locuzioni Italiane ed Europee*. Bologna: Clueb, 2002.
- MOLINER, M. *Diccionario de Uso del Español*. Madrid: Gredos, 2006.
- MONTORO, J. M. La fraseología en J. Casares. *Estudios de Lingüística*. Universidad de Alicante, número 16, pp. 11-12, 2002. Disponível em: www.publicaciones.ua.es/filespubli/pdf/02127636RD29591200.pdf
- MUÑOZ, J. S. *Sobre la paremiología española*. Universidad Complutense de Madrid y *Paremia*, Durango, pp. 641-642, dez. 1996. Disponível em: www.euskaltzaindia.net/dok/euskera/49699.pdf

ALVES, M. V. - A buen entendedor, pocas palabras bastan: histórico cultural e interfaces lingüísticas de expressões idiomáticas e provérbios do espanhol para o português.

_____. La fraseología y la paremiología en los últimos decenios. *Lingüística en la red*. Universidad Complutense de Madrid, pp. 3, maio 2012. Disponível em: www.linred.es/monograficos_pdf/LR_monografico10-articulo3.pdf

NASCENTES, A. *Tesouro da fraseologia brasileira*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1986 [1945].

PENADÉS MARTÍNEZ, I. *Gramática y semántica de las locuciones*. Alcalá de Henares: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Alcalá, 2012

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Diccionario de la Lengua Española*. Madrid: Espasa Calpe, 2001.

RIBEIRO, J. *Frases feitas: estudo conjectural de locuções, ditados e provérbios*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1960.

RIVIÈRE, C. *Os Ritos Profanos*. Petrópolis: Vozes, 1997.

XATARA, C. M.; SUCCI, T. M. Revisitando o conceito de provérbio. *Veredas Online*. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo31.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2013.

SITES E LINKS CONSULTADOS

<http://portaldelsur.info/2012/12/un-algodon-entre-dos-cristales/>

<http://cvc.cervantes.es/lengua/refranero/>

<http://blogs.20minutos.es/yaestaellistoquetodolosabe>

<http://www.muyinteresante.es/cultura>

http://www.esacademic.com/contents.nsf/sp_sp_dichos_refranes/

<http://historiasdelahistoria.com/>

<http://historiasconhistoria.es/2008/03/27/expresiones-con-historia.php>

<http://www.thefreedictionary.com/>

<http://www.bibliaonline.com.br/>